

Huse nega atendimento à idosa, diz família

Com 101 anos, mulher é transferida em estado grave para UPA e parentes acusam direção de escolher quem vai viver



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO

JORNAL DA CIDADE RECORTE DE JORNAIS

ARACAJU, SEXTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 2014

Andréa Vaz
DA EQUIPE JC

São muitas as irregularidades na saúde pública brasileira. Em Sergipe não é diferente. O caso da idosa Maria Francisca dos Santos por si só retrata a falta de atenção com a vida humana. Aos 101 anos, ela teve o direito à saúde negada ao ser transferida – sem conhecimento da família e sem acompanhamento – do Hospital de Urgência de Sergipe (Huse) para a Unidade de Pronto Atendimento Fernando Franco, mesmo necessitando de internação na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). A família da idosa já foi ao **Ministério Público Estadual** e prestou queixa na Delegacia Plantonista. Agora, eles vão pedir ajuda na Defensoria Pública.

A família acusa a direção do Huse de escolher quem vai viver, já que teria sido informada naquele hospital público que a transferência para a UPA se deu pelo fato de se tratar de uma pessoa idosa e com menos chances de melhora, sendo assim não poderia ocupar a vaga para quem de fato tivesse mais chance de sobreviver. “Minha avó saiu de casa falando, agora não fala mais nada. A situação dela é grave, muito grave. Estamos indignados. Que minha avó morra, mas que seja na UTI, com todos os direitos garantidos”, desabafa a professora Maria de Fátima Santos Andrade, neta da idosa. Maria de Fátima disse que a avó foi levada para o Huse pelo Serviço Móvel de Urgência (Samu),



IDOSA teria sido transferida para UPA sem consentimento da família

que avaliou como grave o estado de saúde da idosa.

“Quando chegamos ao Huse, por volta das 11h30, mandaram a gente ir para casa, pois minha avó iria ficar internada na ala vermelha e, por não ser permitida acompanhante, a família só retornasse às 16h, horário de visita. Mas a assistente social de lá ligou às 15h avisando que minha avó estava sendo transferida para a UPA no Augusto Franco. Ainda questionei que não podiam fazer isso, mas não adiantou. Quando cheguei na UPA, o próprio médico da unidade ficou indignado com a situação e disse aquela a unidade não tinha condição de cuidar do caso de minha avó. Então voltei para o Huse para tentar levar minha avó de volta, foi quando a diretora geral do Huse disse que não poderia ocupar um

leito na UTI porque minha avó era velha e tinham outros casos de pessoas com mais chances de melhoras”, denuncia.

Outro caso semelhante aconteceu na família do representante Junior Tavares. A avó dele, dona Maria José Tavares dos Santos, na época 84 anos de idade, deu entrada no Huse no dia 13 de setembro do ano passado. Morreu dois dias depois. “Minha avó teve uma hemorragia e foi levada para o Huse. Acontece que chegando lá, ficou no corredor da urgência porque não havia vaga na UTI. Além disso, ela ficou sem tomar medicação nenhuma, somente no soro pra tapear. Eu mesmo perguntei a enfermeira/técnica de plantão qual o motivo da demora e a mesma me informou que estava atendendo outras pessoas enquanto aguardava

o médico para que fosse passada a medicação da minha vó. Eu frisei que o caso dela seria de UTI e a enfermeira/técnica disse que não tinha vaga e que a idade dela já era avançada. Nunca esquecerei as palavras da enfermeira: 'Estamos aguardando surgir uma vaga, mas tem outros casos de maior urgência na frente dela'. Relato aqui a minha indignação devido a falta de atenção e de respeito com o estatuto do idoso", desabafa.

No Huse, enfermeiros e técnicos de enfermagem ouvidos pelo JORNAL DA CIDADE confirmam: a situação esta cada vez pior. Quanto ao critério de escolha de quem vai para a UTI, a equipe é categórica: o médico é quem decide. "Depende do prognóstico de melhora. Se o paciente é terminal, por exemplo, não tem muito o que fazer com ele, então não vai ocupar uma vaga. Os pacientes mais jovens têm mais chances de melhora. Mas isso não acontece só no Huse, é no Brasil todo", diz uma profissional de saúde que trabalha no Huse que terá sua identidade preservada.

Profissionais do Huse denunciam outro grave problema: há plantões onde se tem 60 pacientes em macas, pacientes em cadeiras e em pé para apenas um enfermeiro, onde deveriam ter quatro, sendo assim não há como prestar uma assistência de enfermagem de qualidade. A Fundação Hospitalar de Saúde foi contatada logo cedo, antes das 9h, mas até as 13h não recebemos o retorno prometido.